Opinião Socialista

Ano XIII - Edição 395 - Colaboração: R$ 2 - De 05/11 a 11/11/2009 - www.pstu.org.br

Seminário de reorganização termina em vitória:

Em direção a uma nova central

Páginas 6 e 7

20 de novembro: construir novos quilombos

Página 4

Saúde do trabalhador em risco

Páginas 8, 9 e 10

Honduras: acordo é realizado com apoio dos EUA

Página 12

LUZ ALTA

A conta de luz está cada vez mais cara. Segundo o TCU (Tribunal de Contas da União), um dos motivos é que os brasileiros estão pagando pelo menos R$ 1 bilhão a mais por ano do que deveriam nas contas de luz. O valor a mais é cobrado devido a um erro no cálculo do reajuste tarifário da energia elétrica vem causando o prejuízo aos consumidores. A Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) admitiu ter percebido a falha no método do cálculo em 2007, mas até agora não fez nada.

PÉROLA

O papel do Tribunal de Contas é analisar a contabilidade. Não é o de ficar passeando pelo país

CÂNDIDO VACCAREZZA, líder do PT na Câmara atacando a fiscalização do TCU nas obras do PAC (O Globo 01/10)

O OGRO

A história política brasileira está cheia de declarações que são verdadeiras aberrações. O "estupra mas não mata" do Maluf, o "Relaxa e goza" da Marta e por aí vai. Esta semana o governador do Paraná adicionou à lista de infâmias dos ilustríssimos, a relação entre câncer de mama nos homens com passeatas gays. Inconformado com a reação dos que protestaram contra tal sandice , Requião retrucou o deputado estadual do PT, José Lemos, com a seguinte "pérola": "Eu nunca imaginei que eu fosse mexer com suas opções sexuais". O governador sequer deixou a poeira baixar, aliás muito pelo contrário. Sofre sem dúvida de homofobia em altíssimo grau.

CHARGE / CAGLE

AÉCIO BATE EM MULHER

Aécio Neves, o governador tucano de Minas Gerais, é acusado de agredir uma mulher numa festa de bacana. Aécio teria dado um empurrão e um tapa em sua acompanhante numa festa da Calvin Klein, no Hotel Fasano, no Rio de Janeiro, onde mora. A informação foi dada pelo jornalista Juca Kfouri em seu blog. Segundo o jornalista, a agressão foi presenciada por diversas testemunhas provocando um constrangimento geral. Há alguns anos, o jornalista esportivo Jorge Cajuru foi demitido por fazer criticas ao governador. Será que Aécio vai querer preparar o mesmo destino para Kfouri?

EVANDRO, PARA SEMPRE PRESENTE!

Morreu em Belém (PA), no dia 26 de outubro, após um infarto fulminante, o companheiro Evandro Pinto, militante do PSTU e da Conlutas. Evandro tinha 38 anos e dois filhos, Marvin e Sofia. Era professor de língua portuguesa das redes estadual e municipal de Belém. Ele iniciou sua militância no movimento estudantil, na Universidade Federal do Pará (UFPA). Em 1996, ingressou no PSTU e, a partir de 1999, passou a atuar na categoria de professores. Durante sua participação no movimento, foi diretor da subsede Belém do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Pará (Sintepp) e participou de inúmeras greves. A perda do camarada reafirma a nossa certeza de que temos de lutar ainda mais contra esse sistema de exploração, fome e miséria que é o capitalismo.

RABO PRESO

Pelo menos quatro deputados que assinaram o requerimento para a CPI do MST tiveram suas campanhas financiadas pela Cutrale, multinacional que produz suco de laranja. Arnaldo Madeira (PSDB - SP) recebeu, em setembro de 2006, R$ 50.000,00 em doações da empresa. Carlos Henrique Focesi Sampaio (PSDB-SP) e Jutahy Magalhães Júnior (PSDB - BA), obtiveram cada um R$ 25.000,00 para suas respectivas campanhas. Nelson Marquezelli (PTB-SP) foi beneficiado com R$ 40.000,00 no mesmo período. Os quatro parlamentares que votaram favoravelmente à CPI integram a lista dos 55 candidatos beneficiados pela empresa em 2006. A Cutrale possui 30 fazendas em São Paulo e Minas Gerais, totalizando 53.207 hectares. Destas, seis fazendas com 8.011 hectares são classificadas pelo Incra como improdutivas.

SOLIDARIEDADE

Uma festa bacana

Amigos de Júnior Bacana, ou Sinésio Porto Alves Júnior, realizarão uma festa em sua homenagem no próximo dia 21 de novembro, em São Paulo.

Para quem não o conhece, Júnior iniciou a sua militância na Convergência Socialista nos idos de 1988 em Brasília, e depois fez parte do processo de fundação do PSTU. Militou no movimento estudantil da USP e FATEC e nesse período de 1992 a 1996 foi membro da SNJ (Secretaria Nacional do PSTU). Em 1999 mudou-se para Inglaterra e participou dos protestos contra a morte do brasileiro Jean Charles, assassinado pela polícia de Londres porque foi confundido com terroristas.

Hoje Júnior enfrenta corajosamente um grave tumor no cérebro. O problema de saúde e as várias cirurgias a que foi submetido afetaram sua vida. Mas ele continua firme, trabalhando e sobrevivendo com muita determinação. Além de ser uma importante demonstração de solidariedade, a festa pretende arrecadar fundos para ajudar no tratamento de Júnior.

Júnior (ao centro) durantes protestos contra o assassinato de Jean Charles

Para saber como participar ou confirmar sua presença, envie uma mensagem para o seguinte endereço:

festadojuniorbacana@googlegroups.com

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Victor Pontes **FOTO DA CAPA** Agência "O Dia" **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3015-0010 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cicero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraiso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Edifício Aliança, R. Neno Felipe, 43, Sala 202, B. Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

UMA IMPORTANTE CONQUISTA DA REORGANIZAÇÃO

Hoje existe uma aposta da maioria da burguesia nacional e internacional em Lula. Afinal de contas até este momento tem funcionado no país uma eficiente manobra: a maioria dos trabalhadores acredita que tem no governo um aliado, porque Lula foi o maior dirigente sindical de sua história. Mas na verdade, Lula governa para as grandes multinacionais e banqueiros que quadruplicaram seus lucros logo em seu primeiro mandato.

Apoiado nas maiores entidades do movimento sindical, estudantil e popular, como a CUT e a UNE, além do próprio MST, Lula conseguiu manter o controle dos trabalhadores. Toda a lógica da ação do governo e seus aparatos no movimento é a do engano da maioria dos trabalhadores, apoiados em sua confiança no governo. Quando não conseguem fazer isso, partem para a divisão e desmoralização dos oponentes. Como lutar contra um governo que tem o apoio da maioria dos trabalhadores e conta com a ação de poderosos aparatos nas mãos da CUT e UNE?

LUTAR É PRECISO... E POSSÍVEL

Apesar disso, existem lutas muito importantes, greves que escapam do controle dessas burocracias. Mobilizações estudantis com ocupação de reitorias, ocupações de terras urbanas (como a do Pinheirinho e as do MTST) e rurais. A maioria dos trabalhadores continua apoiando o governo, mas com a piora da situação social, as lutas se estendem e muitas vezes se radicalizam.

Foi na esteira dessas mobilizações que se firmou a Conlutas como principal conquista da reorganização no período do governo do PT. A Conlutas conquistou essa legitimidade comandando os dois maiores protestos de oposição ao governo Lula nas marchas nacionais em Brasília, assim como a luta contra o desemprego, como foi na Embraer. A mais recente expressão do papel da Conlutas se deu nas campanhas salariais, como, por exemplo, na luta metalúrgica em São Paulo, na campanha dos trabalhadores dos Correios, ou na atual mobilização de petroleiros com a FNP (Frente Nacional dos Petroleiros).

A PROPOSTA DE UMA NOVA CENTRAL

Mas a Conlutas se reconhece como uma expressão minoritária, e vem buscando a unificação com outras correntes do movimento sindical e popular como a Intersindical, Pastoral Operária de São Paulo, MTST, MTL, entre outras. Para isso foi realizado nos dias 1º e 2 de novembro o Seminário Nacional de Reorganização. A resolução do Seminário, que aponta um Congresso unitário em junho de 2010 para fundar uma nova central, tem enorme importância.

É possível que Lula termine seu governo ainda com apoio da maioria dos trabalhadores. Mas o acúmulo de lutas e experiências do movimento de massas com esse governo terá levado a um processo de reorganização com um resultado positivo, que pode ser superior à Conlutas, assim como a todos os outros componentes desse congresso de unificação. Pode-se firmar uma alternativa de direção para as lutas como a principal conquista do movimento sob o governo Lula.

A decisão do seminário aponta para um novo momento na reorganização do movimento de massas no país. Nesses tempos de divisão e fragmentação, uma perspectiva de reunificação é uma referência que pode se estender além das forças acumuladas no Seminário de Reorganização.

A popularidade do governo não será mantida indefinidamente, e as futuras crises econômicas e políticas podem possibilitar um novo terreno de lutas e rupturas com a Articulação, corrente governista majoritária. A fundação de uma nova Central Unitária pode ter um impacto bem superior ao que podemos imaginar hoje.

DUAS APRENDIZAGENS

Os próximos meses até o congresso de unificação serão longos e difíceis. Nada ainda está garantido. Inúmeros obstáculos podem surgir pelas diferenças que já existem entre as forças reunidas no seminário. Mas duas conquistas do seminário podem servir de guia para resolver esses problemas.

A primeira é a compreensão de que a unidade é realmente imprescindível para superar a fragmentação e dar maiores condições para lutar. Essa compreensão comum foi o que abriu caminho para buscar uma superação das diferenças. Uma postura sectária só conduziria a continuidade na dispersão.

A segunda conquista é a aposta na base, na democracia operária. É um critério correto submeter o debate das diferenças não para a discussão, mas também para a decisão das bases.

Essas são aprendizagens desse fim de semana, que podem ser muito úteis para a superação dos problemas que teremos na construção do congresso unitário, e também depois, na nova Central que vai surgir.

POR NOVOS QUILOMBOS, NO BRASIL E NO HAITI

GUSTAVO SIXEL, *da redação, e* **JULIO CONDAQUE**, *da Secretaria de Negros e Negras do PSTU*

Neste 20 de novembro, completam-se 314 anos da morte de Zumbi dos Palmares. Zumbi foi a principal liderança do Quilombo dos Palmares, onde negros e negras libertaram-se das correntes e criaram uma república que servia de inspiração para os escravos. Calcula-se em cerca de 20 mil negros, indígenas e "despossuídos" abrigados na Serra da Barriga, onde criaram uma organização política e econômica coletiva, oposta à lógica colonial. Resistiram durante quase um século às investidas de senhores e bandeirantes, até a sua destruição, em 1694.

Os ataques incessantes refletiam o medo da colônia diante do tamanho e do significado de Palmares. O temor era justificado. De norte a sul, surgiam quilombos, abrigando os escravos que escapavam das senzalas. Explodiam revoltas, formando uma rebelião negra, que já ameaçava derramar o sangue de senhores e capitães-do-mato.

O temor era apoiado ainda na revolução que os escravos fizeram no Haiti. Se por aqui, a Lei Áurea surgiu como forma de "ceder os anéis para não perder os dedos", no Haiti os colonizadores perderam muito mais. Cabeças – literalmente – rolaram. Inspirados pelos ventos da Revolução Francesa, a população de escravos fez não só a primeira revolução anti-colonial triunfante na América Latina como, também, a primeira revolução vitoriosa de escravos no mundo.

Assim como os milhares que resistiram no Quilombo dos Palmares, os 500 mil escravos no Haiti sofreram com os ataques e o isolamento, imposto pelas potências européias. Era o medo que a revolução contagiasse o continente.

CAPITÃES-DO-MATO

Mais de 300 anos depois, a história de negros haitianos e brasileiros se encontra. No Haiti, país mais pobre das Américas, os negros sentem a fome, comendo biscoitos de barro. No Brasil, a maioria dos negros e negras vive excluída, no desemprego e na pobreza.

Mas, para além da miséria, o que marca hoje a realidade dos dois países é a repressão militar, em nome das empresas. Os haitianos vivem a ocupação, que completa dois mil dias neste mês. O Brasil comanda as tropas, e por aqui promove uma guerra aos pobres e negros, nos morros cariocas e nas periferias. Duas semanas após o ataque ao helicóptero, os mortos nas ações policiais já chegam a 49, sendo que moradores falem em 60 corpos.

Essa "limpeza" é parte da política dos governos Lula e Sergio Cabral. Em nome das Olimpíadas, foi declarada guerra aos pobres e à juventude negra. Nas favelas, policiais fuzilam inocentes, invadem casas, em uma caçada como a que feita no Haiti.

Infelizmente, os trabalhadores cariocas e de todo o país seguem com ilusões, e grande parte não vê ligações entre as mortes de inocentes nos morros e a política de segurança do governo Lula. Assim como muitos trabalhadores ainda acreditam que o Brasil ocupa o Haiti para "ajudar" a população e não para garantir a entrada das empresas no país. Neste dia 20, é preciso mostrar que o Haiti é aqui, e o papel de Lula e o PT nesta história.

Neste dia 20 de novembro, a luta de negros e negras do PSTU é também pela retirada das tropas – as que invadem os morros do Rio e as que ocupam o Haiti. Para combater o racismo e o capitalismo, é preciso resgatar a herança de Zumbi dos Palmares, lembrando os nossos quilombos e a revolução dos negros

SEMINÁRIO DE REORGANIZAÇÃO APROVA ATOS UNITÁRIOS

INTERSINDICAL E CONLUTAS farão do dia 20 um dia de luta em todo o país

A unidade que marcou o seminário de reorganização (páginas centrais) também se refletiu na resolução aprovada sobre o dia 20 de novembro. Negros e negras do movimento Quilombo, da Conlutas; da Intersindical e dos setores reunidos no seminário aprovaram atos unitários neste ano, em todo o país. A proposta é que todos os sindicatos promovam ao menos uma atividade.

A resolução oferece assim uma alternativa ao movimento negro, que viu sua direção histórica ser cooptada pelo governo Lula.

CALENDÁRIO

No Rio, ocorrem atos e debates. No dia 25, haverá um grande ato na Cinelândia, com exposições e apresentações de hip-hop. Antes, panfletagens serão feitas em comunidades como as de Oswaldo Cruz e Acari e no Calçadão de Campo Grande.

No Maranhão, haverá a quarta marcha da periferia, combatendo o que está sendo chamada de "guerra interna" nas comunidades pobres. O protesto será no próprio dia 20, e está sendo convocado pelo Movimento de Hip Hop Organizado Quilombo Urbano.

Os estudantes da Assembleia Nacional dos Estudantes Livre (Anel) também irão participar. No Rio de Janeiro, as universidades terão debates nos dias 23 e 24. Em Salvador, haverá um Encontro Racial da Anel, reunindo alunos de ao menos 12 cursos da Universidade Estadual da Bahia. O evento terá a presença de Franck Seguy, do Haiti.

SELVAGERIA E RETROCESSO: ESTUDANTE É AGREDIDA POR USAR MINISSAIA

LUCIANA CANDIDO, *da redação*

Às vezes nos deparamos com algumas situações tão absurdas que temos de parar e ter certeza de que estamos vendo mesmo aquilo. No dia 22, uma aluna da Universidade Bandeirante (Uniban), do campus de São Bernardo do Campo (SP), região do ABC, foi à aula com um vestido curto. Nada demais. Mas, em pleno século 21, isso bastou para que centenas de alunos a perseguissem pelos corredores feito selvagens.

Aos gritos de "Puta! Puta!", a aluna era perseguida. Alguns gritavam, outros escalavam as paredes para espiar a estudante pela janela da sala onde ela teve de se trancar. Celulares nas mãos, muitos fotografavam e filmavam a cena. Os vídeos publicados no YouTube atingiram dezenas de milhares de acessos.

O QUE É APROPRIADO?

O apropriado num caso como este seria a punição exemplar aos selvagens que criaram o tumulto, que ofenderam e violentaram – mesmo que verbalmente – a jovem. Mas parece que a punida será ela. É possível que a estudante nunca mais use seu vestido curto, que as revistas e a televisão tanto disseram que estava na moda. É possível que carregue esta história como um trauma.

Também somos vítimas todas as mulheres, inclusive as que legitimaram a violência no episódio da Uniban. Nem mesmo a punição específica neste caso é capaz de apagar a hipocrisia da sociedade.

O fato é que enquanto não se coibir a propagação impune da ideologia do preconceito e enquanto mulheres continuarem sendo vendidas e expostas como pedaços de carne num açougue, os homens vão se sentir no direito de possuí-las, de comprá-las. Afinal, o capitalismo precisa disso para sobreviver. E precisa também da divisão entre homens e mulheres, para que eles não se unam e não se voltem contra o próprio sistema. Se isso acontecesse, aí sim poderíamos vislumbrar um outro tipo de sociedade com homens e mulheres não animalizados como os que vimos na Uniban.

PLENÁRIA APONTA CONSTRUÇÃO DE NOVA ALTERNATIVA

DIANTE DA TRAIÇÃO da direção majoritária da Fentect, trabalhadores dos Correios se organizam e convocam congresso para 2010

DA REDAÇÃO

A traição da direção da Fentect (Federação dos Trabalhadores dos Correios) na campanha salarial deste ano, impondo o acordo bianual para impedir a luta no ano que vem, provocou uma grande revolta na base da categoria. Diante disso, a oposição realizou uma plenária nacional nos dias 24 e 25 de outubro, que aprovou a realização de um congresso no início de 2010.

Assim como ocorrem em petroleiros, os trabalhadores dos Correios podem avançar para um processo de reorganização na categoria, com a construção de uma alternativa de luta. O Opinião conversou com Geraldo Rodrigues, o Geraldinho, da oposição da Fentect, e Halisson Tenório, diretor do sindicato de Pernambuco.

Opinião Socialista - O que motivou a realização da Plenária?

Geraldinho - Foi a traição por parte da direção majoritária da federação, composta pela Articulação (PT) e pela CTB (PCdoB), que assinou um acordo bianual com a empresa Na prática, impede uma campanha salarial no ano que vem. Mas 19 sindicatos não aceitaram esse acordo e, a partir daí, abriu-se um espaço para a convocação de uma plenária nacional para decidir o que fazer.

E como foi a plenária?

Geraldinho - Ela teve 90 delegados e 17 observadores e alguns convidados, totalizando cerca de 130 pessoas de todo o país, representando 17 sindicatos e 8 oposições. Sob o aspecto das forças políticas, estiveram a ASS, MRL, PCO, Conlutas e independentes. Praticamente todas as correntes que compõem a atual oposição à direção da Fentect.

O que foi aprovado?

Geraldinho - A principal deliberação é que no ano que vem vamos fazer campanha salarial. Não vamos aceitar essa imposição da minoria. Vamos também chamar um congresso em 2010. Aprovamos também medidas contra o acordo bianual e, inclusive, medidas jurídicas contra a direção da empresa, que interveio no movimento sindical e contra a direção da federação, que desrespeitou a deliberação da categoria.

> Apesar da traição da Fentect, ano que vem vamos fazer campanha salarial

Como a empresa interveio nos sindicatos?

Geraldinho - Já havia sindicatos que tinham rejeitado o acordo bianual. Eles convocaram assembleias, junto com o diretor regional e o presidente do sindicato, mudando o resultado de assembleias anteriores. Isso provocou uma revolta muito grande, pois o trabalhador sabe da importância da campanha salarial anual para pressionar a empresa.

Como foi o final da greve em Pernambuco?

Halisson - Acabou sem nenhum horizonte para o trabalhador. Ele não sabia nem o índice do reajuste, nem como ia ficar os seus dias parados. Foi assim também com vários sindicatos. Houve então uma intensa movimentação, principalmente dos ativistas do PSTU e da Conlutas, no sentido de agrupar esses sindicatos. Começamos então a criar uma comissão, que veio se consolidar na plenária. Muitos sindicatos que estão participando dessa comissão estão realmente sendo empurrados por suas bases. Diante dessa nova realidade, deliberamos construir um congresso no próximo semestre.

A campanha salarial e a traição da Fentect colocaram a necessidade da construção de uma alternativa?

Halisson – Sim, o que hoje se desenha é a possibilidade concreta de uma alternativa. Se ela vai ser dentro ou fora da federação, só o que vai dizer é o rumo das lutas que vamos tomar daqui pra frente.

VALE GO HOME!

DIRIGENTE DA CONLUTAS leva seu apoio à greve dos trabalhadores da Vale no Canadá. Confira o relato de sua experiência

***DIRCEU TRAVESSO**, da Conlutas*

No último dia 23 de outubro, ao chegar ao Goose Bay, uma pequena cidade no Nordeste do Canadá do lado do Atlântico encontrei no piquete dos trabalhadores mineiros da Vale Inço, em greve há quase 4 meses um jovem esquimó carregando um cartaz dizendo Vale Go Home, Canadá is not Brazil (Vale vá pra casa, o Canadá não é o Brasil).

A primeira reação do jovem ao saber que eu era brasileiro viajando a convite da USW (United Steel Workers, sindicato onde os trabalhadores em greve se organizam) foi de embaraço e tentar esconder o cartaz. Tive que dizer imediatamente que ele tinha toda razão em carregar aquele cartaz e que se ele quisesse poderia também carregá-lo.

Tanto este trabalhador como seus companheiros de Goose Bay (bem como de Sudburry e Portcolborne, outras duas localidades do Canadá) se encontram em greve contra os ataques da Vale às suas aposentadorias e conquistas históricas desde final de junho passado.

Nos dois dias de atividades da greve onde pude participar representando os companheiros da Vale do Rio Doce dos Sindicatos de Itabira e Congonhas e a Conlutas, pudemos estreitar relações e discutir o papel da Vale.

Disse que a Vale não é mais uma empresa "brasileira". Desde sua privatização, verdadeiro assalto promovido contra o povo brasileiro e suas riquezas naturais, a Vale se tornou uma multinacional com sócios como o Citibank, HSBC, JP Morgan, Barclays, Morgan Stanley entre outros. Hoje, de acordo com o próprio balanço da empresa, no mínimo 61 % das ações da Vale se encontram em mãos de "investidores estrangeiros".

Na conversa com eles, ficou claro que defender a greve dos companheiros canadenses contra os ataques da Vale é defender também nossos direitos. Mesmo com a diferença de salários e direitos existentes entre Canadá e Brasil, temos que lutar para não diminuir os salários e direitos de nenhum trabalhador em nenhum lugar do mundo. O que temos de fazer é lutar juntos para disputar os bilhões que são distribuídos aos acionistas majoritários, como a família Rockfeller dona do JP Morgan.

Eles são afetados duplamente, como trabalhadores e como povos originários que vêem suas comunidades serem atacadas pela ação nefasta da Vale degradando e destruindo a natureza, e afetando as populações em sua saúde, cultura e costumes.

Assim tem sido a reação das comunidades atingidas pela Vale na Nova Caledônia, Moçambique, no Pará, Minas Gerais e nos outros 20 países onde a Vale opera em todo o mundo.

Ao final dos dois dias, tivemos a clareza que a "casa da Vale" não é o Brasil. Os nosso inimigos são os capitalistas que detém ações da Vale independente de sua origem canadense, estadunidense ou brasileira. E que nós como trabalhadores somos irmãos de classe e temos que lutar juntos em defesa de nossos direitos, independente de nossas nacionalidades, contra os que nos exploram.

Por isso temos o compromisso de seguir na campanha internacional de solidariedade à greve dos trabalhadores da Vale Inco para garantir sua vitória. E que junto com essa campanha devemos buscar construir um Encontro Internacional dos Trabalhadores da Vale e das comunidades afetadas pela ganância e exploração da empresa.

UM SEMINÁRIO QUE PODE FICAR NA HISTÓRIA

CONGRESSO EM 2010 deve fundar uma nova central e avançar na reorganização dos trabalhadores

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

Nos abraços fortes se mostrava a alegria. Em alguns rostos, lágrimas de emoção. Militantes da Conlutas usavam também no peito os adesivos da Intersindical, e vice- versa. Terminou em vitória o Seminário Nacional de Reorganização, nos dias 1 e 2 de novembro, em São Paulo. A emoção foi maior porque se definiu convocar um congresso unitário para 2010.

No congresso, a base irá decidir sobre as diferenças apresentadas nos 25 debates regionais que antecederam o seminário. Existiam grandes acordos como a necessária independência frente ao Estado, a perspectiva socialista, a defesa da ação direta das massas como instrumento privilegiado de luta e muitos outros temas. Mas também surgiram diferenças importantes.

As duas maiores eram sobre o caráter da nova central e sobre a composição da direção. Sobre o caráter, a Conlutas defende uma central que, além dos sindicatos, incorpore o movimento popular e estudantil e os movimentos contra as opressões. Já a Intersindical e outros setores defendem uma central fundamentalmente sindical.

Em relação à composição da direção da central, a Conlutas defende que ela seja indicada pela base a partir das organizações filiadas, com os critérios tradicionais de proporcionalidade direta. Já a Intersindical privilegia, em um primeiro momento, um acordo entre as correntes políticas da central.

A Conlutas propôs duas alternativas, caso não se superassem as diferenças: a primeira seria fazer o congresso de unificação em base aos acordos que já existem, e deixar a base do congresso decidir as diferenças, com o compromisso de todos de acatar o resultado da votação. Nesse caso, a Conlutas propunha que os delegados dos sindicatos – cuja participação e poder de voto ninguém questionava – decidissem sobre as diferenças. Uma segunda proposta era de, caso não houvesse acordo, manter uma Comissão de Reorganização, com um plano de ação unificado e a continuidade das discussões,

Luis Carlos Prates, "Mancha" com os adesivos da Intersindical e da Conlutas colado no peito

dando tempo para que as diferenças fossem superadas.

Durante o seminário, a discussão sobre estes temas se fez presente já no primeiro ponto, que deveria discutir a conjuntura política. Houve uma novidade importante, com a representante do MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade), Janira Rocha, fazendo uma defesa acalorada na necessidade da unidade e apoiando a proposta da Conlutas de que o próprio congresso unificado deliberasse sobre as diferenças. Foi seguida por outros setores, como o MTST, com a mesma compreensão. Nessa noite, na comissão que dirigia os trabalhos, só os representantes da Intersindical seguiam contrários a essa proposta.

No dia seguinte, no entanto, pesaram mais os pontos de acordo existentes e a perspectiva de uma central unitária. A Intersindical reavaliou sua posição, e foi possível apresentar ao plenário uma proposta unificada, que inclui a marcação do congresso unitário para o início de junho de 2010, onde os delegados do movimento sindical e popular irão decidir sobre as diferenças.

A alegria explodiu entre os delegados. Em todos estava presente o sentimento de ter participado de um encontro que pode ter um caráter histórico. Após a aprovação das resoluções e moções, o seminário terminou com os militantes cantando unidos o hino da Internacional.

"A principal pauta colocada para os trabalhadores hoje é a construção de uma ferramenta que tenha capacidade de pegar tudo o que está fragmentado e colocar junto sob uma única direção"
Janira Rocha - MTL

"A reorganização é para nós estratégico e central. A fragmentação e o isolamento só reforçam a perda de nossas capacidades e a potência do movimento. Esse processo requer paciência, mas também entendendo a urgência"
Helena Silvestre – MTST

"Temos pontos divergentes, mas também não são poucos os pontos que nos unem (...) É necessário agora, a fim de avançar na unidade, novas práticas e relações éticas e de fraternidade"
Lujan Miranda (PSOL) e Intersindical

"Estamos bastante otimistas, pois achamos que nesse seminário foi possível construir as possibilidades reais para a unificação da Intersindical, Conlutas e outros setores. Agora, o próximo período é organizar a luta da classe trabalhadora e construir uma direção à altura dessa tarefa"
Neida Oliveira, Cpers, Bloco Resistência Socialista – Conlutas

"Esse seminário foi um avanço muito importante na construção dessa ferramenta para a luta dos trabalhadores, dos movimentos sociais e da juventude desse país. Achamos que essa nova central deve ter um caráter sindical, mas também agregar o movimento social, popular e estudantil, pois sabemos que isso irá fortalecer o caráter classista dessa central"
Saulo Arcangeli (SINTRAJUFE-MA), PSOL e Conlutas

"Acho que o principal resultado desse seminário foi o agendamento do congresso para 2010 e a resolução de que seja a base que decida. Isso, para o Andes, é fundamental. E essa nova central deve ser democrática, dirigida pela base e, principalmente, tem que ter um nível de liderança muito próxima da que vínhamos fazendo com a Conlutas, com coordenações, reuniões periódicas, para que não voltemos atrás e fazer com que apenas a cúpula decida"
Milton Vieira do Prado Junior – Andes

"Estamos aqui dando um passo importante na possibilidade de uma alternativa classista, internacionalista. A Pastoral não tem posição fechada sobre o caráter da nova entidade, mas achamos que ela deve ser classista e profundamente democrática"
Paulo Pedrini – Pastoral Operária Metropolitana de São Paulo

RESOLUÇÕES

✓Realização de um congresso, de 3 a 6 de junho de 2010, para a fundação de uma nova central

✓Votam nesse congresso delegados eleitos pelo movimento sindical e movimento popular que estão hoje comprometidos com o processo de reorganização

✓Esse processo será organizado por uma "Coordenação pró-central", com a seguinte representação: 9 membros da Conlutas, 9 da Intersindical, 2 do MTL, 2 do MTST, 2 da Unidos para Lutar, 2 do MAS, 2 da Pastoral Operária, 2 Corrente Trabalho e Emancipação e 2 da FOS.

✓Realização de uma plenária durante o Fórum Social Mundial em 2010 em Porto Alegre (RS).

✓Plano de ação para o próximo período, com o apoio ativo às principais lutas.

"ESTABELECEMOS AS BASES PARA AVANÇAR NO PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO"

Tão logo terminou o seminário de reorganização, o Opinião Socialista conversou com José Maria de Almeida, o Zé Maria, da Secretaria Executiva da Conlutas, que falou sobre a importância e os desdobramentos do evento.

POR DIEGO CRUZ, *da redação*

Opinião Socialista – Qual a importância desse seminário?

Zé Maria – Muito grande. Pode levar à superação da fragmentação que ainda caracterizava a reorganização no campo da esquerda. Para que possamos ter em 2010 uma organização muito superior ao que é hoje a Conlutas, a Intersindical, o MTL, o MTST, ao MAS e demais organizações que aqui estiveram.

Qual o papel do congresso convocado pelo seminário?

Zé Maria – O congresso vai decidir sobre os temas sobre os quais não tivemos acordo. A concepção dessa organização e o sistema de deliberação. Vai se reunir em junho, e as votações terão a participação do movimento sindical e também do movimento popular, se nós chegarmos a um critério de representação consensual que garanta a participação do movimento popular. Então, acho que aqui se estabelece bases que permitem um avanço muito grande no processo de reorganização do movimento no Brasil.

No início do seminário vigorava um clima de impasse, mas no final praticamente todos os setores o consideraram uma grande vitória. Como se desenvolveu esse debate?

Zé Maria – A diferença com os companheiros da Intersindical, sobre a natureza da nova entidade não é pequena. A opinião da Conlutas se baseia numa análise da situação atual e da luta de classes no país, que aponta para a necessidade de unirmos todas as expressões de luta da classe trabalhadora e dos setores oprimidos. A classe operária é o sujeito social fundamental para a luta revolucionária, mas ela precisa construir alianças sólidas com os demais segmentos da classe trabalhadora.

E, sobre as estruturas de deliberação da nova entidade, as nossas diferenças com os demais companheiros também não são secundárias. Então é óbvio que o debate foi tensionado.

Mas acho que houve esforços importantes de todas as organizações que aqui estiveram e se superou um obstáculo muito importante nesse seminário. Temos agora que nos voltarmos aos setores que não estão participando ainda, chamá-los à responsabilidade para que venham a se somar. Como a ASS e os companheiros do PCB, que nesse momento estão fora.

Qual a perspectiva para o próximo período e as principais tarefas?

Zé Maria – Temos que continuar a dar resposta às lutas dos trabalhadores, por suas demandas concretas e contra os efeitos da crise.

A outra tarefa é tomar todas as iniciativas que assegurem a preparação do congresso. Tanto aquilo que são as decisões de âmbito mais organizativo, ou seja, os critérios de representação, data, local, como também as tarefas mais políticas. Seguir a discussão sobre os temas que ainda não temos acordo. Fazer o debate político preparatório, preparar as teses. São duas tarefas muito importantes que se combinam.

Zé Maria no seminário sindical

A classe operária é o sujeito social fundamental para a luta revolucionária, mas ela precisa construir alianças sólidas com os demais segmentos da classe trabalhadora

O congresso vai se chamar Conclat (Congresso da Classe Trabalhadora), o mesmo nome do congresso que impulsionou a formação da CUT no início dos anos 80. Dá para traçar esse paralelo?

Eu diria que do ponto de vista da importância histórica, sim. Os trabalhadores vão ser levados a encarar o mesmo desafio que tivemos quando rompemos com as confederações para construir a CUT. Nesse momento estamos rigorosamente fazendo a mesma coisa.

Mas não temos a pretensão de dizer que o congresso terá a mesma dimensão que aquele, pela diferença da situação da luta de classes. Somos ainda minoritários, muito mais do que os setores que estiveram lá, quando construímos a CUT. Mas queremos dar esse nome pela simbologia. É a classe trabalhadora e sua representação mais avançada que se reúne para fazer avançar sua luta e, principalmente, construir uma ferramenta de organização capaz de contribuir para a luta imediata e a luta histórica que temos pela frente.

O que você diz ao ativista que passou os últimos anos construindo a Conlutas, perante as resoluções desse seminário?

Acho que se existe um setor que pode estar orgulhoso do que se conquistou nesse seminário, é justamente a moçada da Conlutas. Os sindicatos, o movimento popular, estudantil, de luta contra as opressões. A Conlutas não é o nome e a estrutura que acumulamos nesses anos, é uma bandeira de luta. Parte da defesa de nossas reivindicações concretas, dos trabalhadores nesse momento, e avança até a luta para construção das condições para fazermos uma revolução e mudarmos esse país. E nós demos um passo muito importante no sentido de fortalecer essa bandeira. O patrimônio que construímos até agora não vai ser deixado de lado, pelo contrário. Vai ser somado a muitos patrimônios que foram construídos por outros companheiros e teremos outro patrimônio, muito mais forte do que aquele que acumulamos com a Conlutas até aqui.

SAÚDE DO TRABALHADOR EM RISCO

DA REDAÇÃO

A situação da saúde dos trabalhadores é profundamente grave. Uma verdadeira epidemia atinge a classe trabalhadora, pior do que a gripe suína ou a AIDS. Além de padecerem de doenças comuns e enfrentarem o caos da saúde pública, os trabalhadores enfrentam também as doenças originadas pela super-exploração imposta pelos patrões.

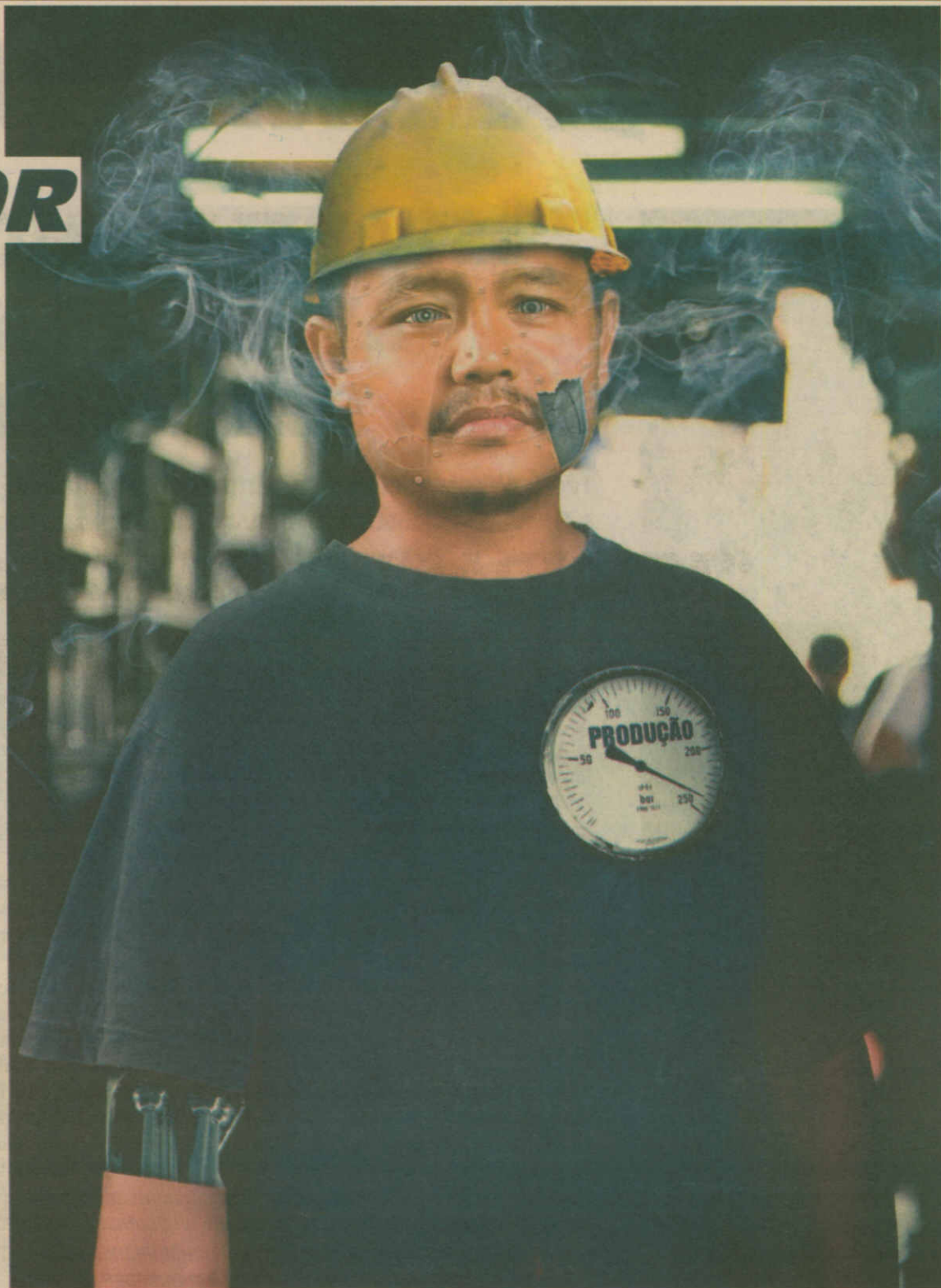
As doenças do trabalho são consequências da globalização capitalista que introduziu a chamada reestruturação produtiva, com novas formas de gerenciamento da produção e o incremento dos ritmos de trabalho com a incorporação da automatização das linhas de produção. Hoje vivemos sob os efeitos da aplicação desse modelo.

A globalização também trouxe as privatizações e com ele o desmonte do Estado e o início da desregulamentação dos direitos dos trabalhadores. O desmonte significou o sucateamento dos órgãos de controle do Ministério do Trabalho, como por exemplo as Delegacias regionais do Trabalho (DRTs) e a Fundacentro. A fiscalização é débil e muitas vezes não há estrutura para sequer visitar uma fábrica.

POLÍTICA ECONÔMICA

A atual crise econômica vai agravar ainda mais os casos de doenças e acidentes de trabalho. Para recuperar suas taxas de lucros, os empresários aumentam ainda mais a exploração dos trabalhadores.

Enquanto o governo entregava bilhões para os patrões, as grandes empresas não paravam de demitir. Aos que continuam trabalhando, foi imposto um forte arrocho salarial e um ritmo alucinado de trabalho para suprir as tarefas dos que foram demitidos. É assim que Lula e os empresários querem que os trabalhadores paguem os custos da recuperação parcial da economia.

O **Opinião Socialista** apresenta um conjunto de entrevistas e reportagens sobre a situação concreta vivida pelos trabalhadores. Explicamos também o que está por trás das iniciativas do governo que supostamente "protegem" os trabalhadores contra doenças e acidentes de trabalho.

"GENERAL MOTORS É UM VERDADEIRO MOEDOR DE CARNE"

***CAE BATISTA**, de São Paulo*

Luis Fábio* sentiu na pele o crescimento da montadora General Motors, em São José dos Campos (SP), nos anos que antecederam a crise econômica, quando a o ritmo de produção estava bastante elevado. Sofreu uma lesão no ombro esquerdo, embora não tenha sido considerado como acidente de trabalho. *"Com a crise"*, conta Luis, *"as linhas pararam e o clima de insegurança tomou conta dos trabalhadores"*. Os lesionados foram os que sofreram mais, pois sentiam medo que a empresa falisse e se dedicavam além do que seus corpos suportavam.

Segundo Luis, depois da crise e da falência da matriz, a produção foi retomada nos mesmos patamares anteriores, mas com um agravante: a GM começou com uma forte política de redução de custos, deixando faltar, inclusive, equipamentos de proteção individuais (EPIs). O que tem gerado mobilização entre os trabalhadores, organizados pelo sindicato. Para ele, pelo fato de no Brasil as vendas continuarem crescendo, diferentemente do que acontece nos EUA, *"a gente tem que mandar o dinheiro para a matriz. De onde o dinheiro está saindo? Das nossas costas"*.

Antes de trabalhar para GM, Luis vendia sua força de trabalho à cervejaria AmBev, onde a cultura de *"células de trabalho é mais forte"*, segundo ele.

Comparando as duas empresas, Luis diz que na GM existem outras formas de pressão, porém, um pouco mais veladas, inclusive pela atuação que o sindicato dos metalúrgicos tem lá dentro, o que impede que a empresa explore ainda mais a categoria.

DIVULGAÇÃO

Mesmo com essa organização, Luis denuncia a dramática quantidade de lesionados dentro da empresa. Ele percebe isso quando vai ao ambulatório que sempre está lotado a qualquer hora do dia. São companheiros com radiografias, colar cervical, coletes para a coluna, numa cena que se assemelha a um hospital comum.

Luis conta que existem partes do carro que só o trabalhador consegue soldar, usando a pontiadeira. Ela é uma das máquinas que mais lesiona os metalúrgicos, segundo ele, pois tem a regulagem de altura imperfeita obrigando o trabalhador a fazer força para que ela se adapte a sua altura. *"Você se arrebenta de todos os lados, além do peso, o ritmo é muito grande, 30 ou 35 carros por hora"*, disse, e completa: *"A General Motors é um verdadeiro moedor de carne"*.

O metalúrgico acredita que é necessária e importante a organização dos trabalhadores junto ao sindicato. Luis percebe que ao ler o jornal da entidade a sua situação é comum em todas as fábricas: *"O sindicato somos nós... e temos que brigar, porque, o que interessa para a empresa são pessoas cordeirinhas, que aceitem tudo de cabeça baixa"*.

*o nome verdadeiro foi omitido para evitar perseguições

MINÉRIO SUJO DE SANGUE

ACIDENTE na mina da CSN de Congonhas deixa três mortos

No dia 1º de outubro um acidente fatal na Mina Casa de Pedra, deixou três trabalhadores mortos e vários feridos. As vítimas eram da empresa terceirizada LMM.

As mortes são produto de uma expansão desenfreada da mina, que ainda terá a abertura de uma siderúrgica integrada a ela.

Segundo Romildo Coelho, trabalhador da CSN e diretor do sindicato Metabase: *"Para reduzir seus gastos e ampliar os lucros de seus acionistas, a expansão da CSN ocorre sem que sejam garantidas aos trabalhadores as mínimas condições de saúde e segurança"*.

Romildo explica que é comum os trabalhadores (na maioria, terceirizados com baixos salários) realizarem suas atividades em contêineres, com a utilização de banheiros químicos nada higiênicos e sob o risco constante de acidentes.

Diante do fato, a prefeitura da cidade, dirigida pelo PT, saiu em defesa da empresa. *"Reconhecemos a seriedade e o compromisso que a CSN possui com as questões relacionadas à saúde e segurança do trabalho (...) é o primeiro acidente com essa gravidade e temos a certeza que será o último"*, disse a prefeitura . Uma completa mentira, uma vez que em setembro de 2008, na mesma mina, um jovem operário morreu esmagado por uma pá mecânica.

O Sindicato Metabase de Inconfidentes responsabilizou a empresa pelas mortes e está questionando a expansão irresponsável da mina, contando com seus próprios técnicos para defender os trabalhadores.

A alternativa é a reestatização da empresa sob o controle dos trabalhadores e da comunidade.

Nas mãos da iniciativa privada, a CSN, assim como a Vale, só gera riquezas para seus acionistas à custa da destruição do meio ambiente e do trabalhador, através dos acidentes fatais e das doenças ocupacionais, que deram um salto nos últimos anos, com a intensificação do ritmo de trabalho.

"MEDIDAS DO GOVERNO FEDERAL SÃO MERAMENTE POPULISTAS"

Nos últimos anos, o governo realizou modificações na legislação sobre riscos e lesões no trabalho com argumento de "proteger" os trabalhadores. O Opinião entrevistou Maria Elvira Mariano, advogada especializada em Saúde e Segurança do Trabalho. Para ela as alterações na legislação acabaram favorecendo os empresários.

***POR JEFERSON CHOMA**, da redação*

Quais as principais doenças provocadas pelo trabalho entre trabalhadores e trabalhadoras nas fábricas?

Maria Elvira Mariano - Atualmente as principais doenças são musculoesqueléticas, as chamadas Dort's (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho), também conhecidas por LER (Lesões de Esforços Repetitivos). Dependendo da fábrica identificamos rápido onde se localizam os problemas. Na GM as lesões de ombro são a principal causa, seguida por coluna; na Embraer a principal é a coluna, joelho e ombro. Nas fábricas onde tem muitas mulheres e o trabalho é minucioso a principal lesão é a de punho e cotovelo.

Entretanto, os problemas de ordem psíquica têm aumentado vertiginosamente devido às políticas de gestão, isto é, a pressão pelo aumento de produtividade, programas de qualidade, assédio, flexibilização das leis do trabalho, organização do trabalho, insegurança frente às demissões e também em razão das doenças.

A crise econômica tem provocado o aumento do ritmo de trabalho que provoca ainda mais doenças. Como você vê isso?

Maria Elvira - A crise econômica incide diretamente na saúde dos trabalhadores, principalmente pelo aumento do ritmo de trabalho, aliado ao corte de pessoal. Hoje se produz mais com menos trabalhadores. É preciso estar atento aos acidentes típicos, que também aumentam neste momento de crise, dada a instabilidade e a pressão sofrida pelos trabalhadores. Outro fator importante é a "necessidade" das empresas em reduzir custos, fazendo da saúde e da segurança dos trabalhadores o menos importante. Isso tem influência na qualidade dos equipamentos de segurança e nas normas de segurança.

É lamentável ver os trabalhadores em situação tão ruim, enquanto a maioria dos sindicatos e centrais fecham os olhos para os problemas mais presentes no chão de fábrica que afetam os trabalhadores e também a sua família. Não organizam os trabalhadores para lutar contra essa agressão e ainda fazem parcerias com as empresas e aplaudem as políticas do governo federal sem fazer sequer uma única crítica.

Qual é a sua avaliação das políticas públicas do governo como o chamado Nexo Técnico Epidemiológico e o Decreto 6957, de setembro, que altera a aplicação, acompanhamento e avaliação do Fator Acidentário de Prevenção?

Maria Elvira - Há muito tempo vários setores vinham reclamando com razão da falta de critérios nas perícias médicas do INSS, pois para se estabelecer o chamado nexo causal, muitas vezes existia a necessidade de perícia no local de trabalho. Mas com o desmonte no setor o INSS ficou sem pessoal para fazê-las. Então se criou o Nexo Técnico Epidemiológico (NTEP), em suma relação entre o chamado Código Nacional da Atividade Econômica (CNAE) da empresa e a Classificação Internacional da Doença (CID) que acomete o trabalhador. É verdade que aumentou o número de reconhecimento dos acidentes de trabalho, mas a que preço?

A lei que criou o NTEP abriu a possibilidade das empresas recorrerem da aplicação deste. Em alguns casos tem efeito suspensivo como nos casos de LER/Dort, dentre outros. Na prática, quando a empresa recorre do deferimento do acidente de trabalho, a perícia médica do INSS avalia os argumentos da empresa sem vistoriar o local de trabalho, e pode converter o Benefício de Auxílio Doença Acidentário para auxílio doença previdenciário, ou seja, de doença comum. Isso faz que o trabalhador perca imediatamente a estabilidade no emprego prevista no artigo 118 da Lei 8.213/91. Ou ainda, pode obrigá-lo a provar que foi vítima de acidente de trabalho, invertendo totalmente o ônus da prova.

Outro problema é que várias grandes empresas, como as montadoras, e as doenças relacionadas com o trabalho nelas, ficaram de fora da lista do NTEP. Como se as doenças do trabalho não existissem nestas empresas.

O Decreto 6957 apenas alterou a lista do NTEP que já existia, deixando-a mais reduzida. Se a lista já era precária ficou pior.

> É lamentável ver os trabalhadores em situação tão ruim, enquanto a maioria dos sindicatos e centrais fecha os olhos para os problemas mais presentes no chão de fábrica

Com o Fator Acidentário de Prevenção, o governo instituiu uma flexibilização das alíquotas aplicadas às empresas sobre os benefícios pagos pela Previdência decorrentes dos riscos do trabalho. Qual é a sua opinião?

Maria Elvira - Podemos chamar isso de uma vitória do lobby feito pelas empresas sobre o governo Lula. A exposição de motivos do Decreto que criou o Fator Acidentário de Prevenção (FAP) é no mínimo uma afronta a capacidade de pensar dos trabalhadores. Segundo o governo, não seria justo para as empresas que investem em segurança no trabalho pagarem a mesma alíquota das empresas que não investem. Por isso, o governo decidiu que as empresas que aumentarem o número de afastamentos e registros de acidente de trabalho sofreriam um aumento da sua alíquota em 100%. Por outro lado, as que reduzirem seus números teriam reduzida sua alíquota em 50%.

No entanto, perguntamos: qual empresa vai querer emitir a Comunicação de Acidente do Trabalho e concordar com os afastamentos de seus empregados? Aliás, o início para aplicação do FAP estava agendado para janeiro de 2009, mas os índices de acidente tinham aumentando. Devido a isso, o prazo para começar sua aplicação foi transferido para 2011.

Vejo estas medidas do governo federal como meramente populistas, onde é contada apenas uma parte da história dos trabalhadores tentando assim iludi-los. A parte ruim, que retira direitos históricos conquistados com muita luta como a estabilidade no emprego do acidentado, as restrições à concessão do Auxílio Acidente, vão para debaixo do tapete.

SAÚDE DO TRABALHADOR É UMA LUTA CONTRA OS PATRÕES

***CÉSAR NETO**, de São Paulo*

As doenças e acidentes de trabalho que atingem a classe trabalhadora são provocadas pela super-exploração da burguesia. De acordo com um estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de seis mil pessoas morrem por dia em consequência de acidentes e doenças ligados ao trabalho. Por ano são contabilizados 270 milhões de acidentes de trabalho não fatais e 160 milhões de casos novos de doenças profissionais.

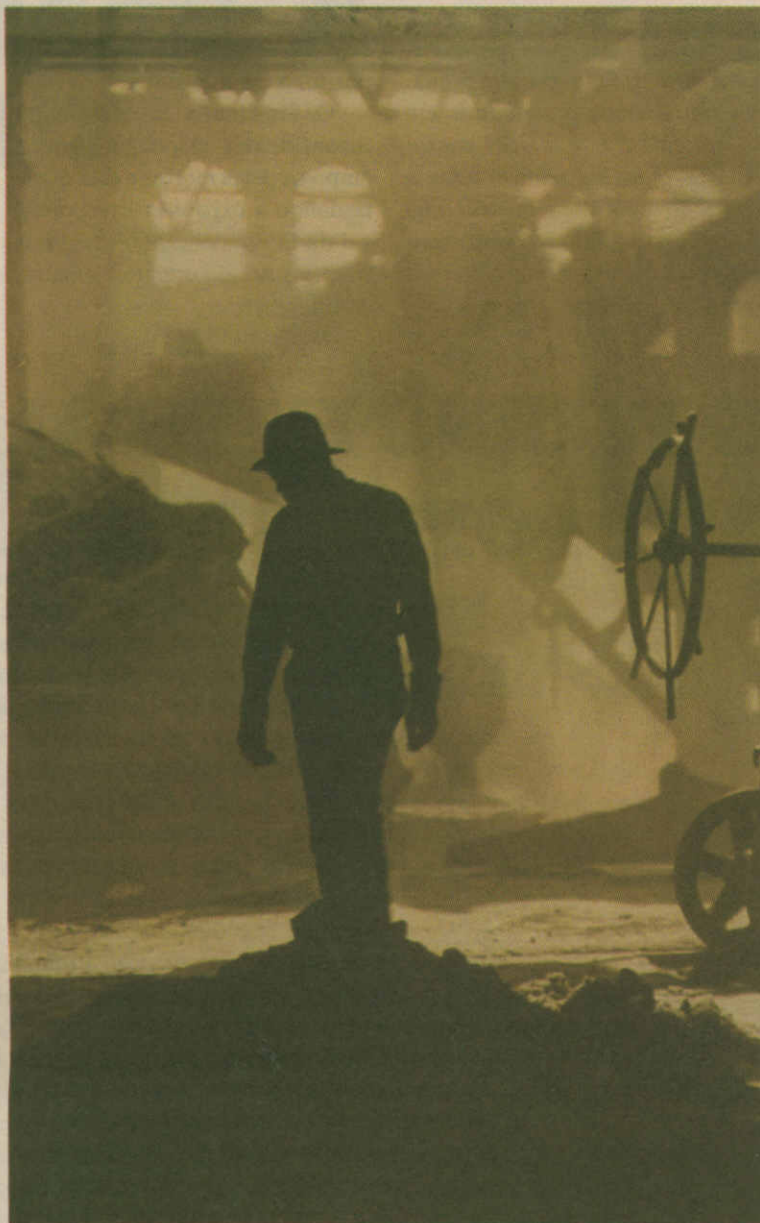
No Brasil, desde 2007 o registro de doenças ocupacionais cresceu vertiginosamente, em média 134%, segundo dados do Ministério da Previdência Social. As notificações de doenças do sistema osteomuscular (LER/Dort) aumentaram 512%.

A explosão do número doenças e acidentes são explicados pela globalização capitalista, que introduziu a reestruturação produtiva e a automatização das linhas de produção.

Mas a atual crise econômica vai agravar ainda mais os casos de doenças e acidentes de trabalho. A burguesia está transformando as linhas de produção numa "máquina de moer carne" para recuperar suas taxas de lucros.

"Na Embraer esse fato é fácil de ver. Depois das 4270 demissões, o ritmo de trabalho aumentou na produção e os operários que ficaram tem que produzir pelos outros que foram demitidos", constata Hebert Claros, operário da Embraer e vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos.

LUTAS PELA SAÚDE

As experiências recentes mostram o poder mobilizador da luta pela saúde nas fábricas e nos locais de trabalho. Na Venezuela, por exemplo, em uma montadora japonesa, os trabalhadores se mobilizaram contra o excessivo calor no interior da fábrica. Nessa luta entrou até o Embaixador do Japão pressionando a Ministra do Trabalho. O governo de Hugo Chávez, do chamado "socialismo do século 21" , não teve dúvidas. Optou pela transnacional imperialista. Isso causou revolta entre os trabalhadores que realizaram uma assembleia e pela primeira vez vaiaram o chavismo. Depois de muitas lutas e mobilizações, conseguiram que o Ministério do Trabalho determinasse que os trabalhadores produzissem por 45 minutos e descansassem 15 minutos.

No Brasil há três fábricas de cloro-soda que se utilizam do amianto, uma fibra cancerígena proibida em mais de 50 países. Os sindicatos dos químicos de Cubatão (SP) e da Bahia, dirigidos pela Força Sindical e pela CUT respectivamente, assinaram acordos autorizando o uso do amianto. O Sindicato dos Petroleiros de Alagoas e Sergipe (Sindipetro AL/SE) da Conlutas, que representa os trabalhadores da fábrica Braskem, ligado ao grupo Odebrecht, negou-se a assinar tal acordo.

O grupo Odebrecht partiu para a retaliação com uma campanha de terror acusando o sindicato de querer fechar a fábrica. Mas o Sindipetro junto com o Ilaese organizou um plano de lutas baseado em matérias explicativas, seminários e distribuição de cartilhas para demonstrar os efeitos do câncer no ambiente de trabalho.

A Braskem seguiu fazendo terrorismo, só que agora os trabalhadores já não acreditavam em suas palavras. A empresa dizia: ou vestem nossa camisa, ou a do sindicato. Os trabalhadores escolheram se juntar à luta do sindicato e dessa forma colocaram a Braskem na defensiva. Depois de 15 anos, hoje a empresa anuncia que está estudando alternativas para substituir o amianto.

RESGATAR AS CIPAS PARA A LUTA

O Brasil é um dos poucos países da América Latina onde existe a presença das Comissões Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) em sua legislação. É uma comissão paritária, isto é, metade de seus representantes é indicado pelos patrões e a outra pelos trabalhadores. Não é tão avançada como uma Comissão de Fábrica, mas cumpre um importante papel de aglutinação e organização da luta dos trabalhadores. Seus representantes gozam de estabilidade durante o mandato de um ano e de mais um ano após o fim do mandato.

Nos últimos anos, as Cipas perderam o seu caráter combativo por causa das direções sindicais que começaram a difundir o sindicalismo de conciliação com os patrões. Contudo, é preciso retomar as Cipas para a luta. A Cipa é o primeiro passo a ser conquistado na luta por um ambiente de trabalho seguro e sem doenças. Os trabalhadores não podem delegar aos patrões e a seus paus mandados, os técnicos, engenheiros de segurança e médicos do trabalho. Os trabalhadores devem saber que sua saúde e integridade física são conquistas dos próprios trabalhadores

GOVERNO LULA

O presidente Lula é um ex-lesionado. Perdeu o dedo ainda jovem em um acidente do trabalho. Mas hoje dá as costas aos trabalhadores lesionados.

O governo de FHC mudou a lei que garantia estabilidade no emprego aos trabalhadores que se acidentassem e tivessem 40% ou mais de incapacidade para o trabalho. Anteriormente, esse trabalhador tinha estabilidade no emprego até o dia em que se aposentasse por idade. Hoje esse mesmo trabalhador pode ser demitido a qualquer momento. Lula manteve essa nova legislação.

Os sindicatos dos metalúrgicos de São José dos Campos, Campinas, Santos e Limeira incluíram uma cláusula no contrato coletivo que garante a estabilidade do acidentado, já que a lei que protegia o trabalhador foi revogada por FHC.

Mas não é só isso que Lula mantém do governo tucano. Também foi mantida a chamada alta programada. Ou seja, o trabalhador se acidenta, visita um médico perito apenas uma vez, que lhe dá um prazo único de afastamento. Após o período marcado, os trabalhadores são obrigados a retornar à sua empresa sem que sua cura esteja confirmada pelo perito.

Como se não bastasse tudo isso, com o desmonte do Estado os órgão de fiscalização do Ministério do Trabalho não realizam concursos há anos e faltam fiscais para visitarem os locais de trabalho. Muitos postos de Delegado Regional do Trabalho são indicações políticas e hoje estão nas mãos até de ex-gerentes de Recursos Humanos de multinacionais ou de gente indicada pela Força Sindical, com a anuência da CUT.

Cartaz do "1º Seminário pelo baimento do amianto

No dia 6 de novembro, em Maceió (AL), será realizado o Seminário Internacional pelo Banimento do Amianto. O evento reunirá diversos especialistas para fortalecer a campanha contra a utilização do produto. O seminário é uma iniciativa do Sindipetro AL/SE e será realizado no auditório do IFAL/Cefet.

SALVAR A SAÚDE DOS TRABALHADORES

O ritmo brutal de trabalho nas fábricas, bancos e escolas está acabando com a saúde de milhões. É preciso lutar pela redução da jornada de trabalho, sem diminuição dos salários e direitos. É necessário arrancar já a jornada de 40 horas para avançarmos em direção à jornada de 36 horas semanais. Com a redução da jornada é possível salvar a saúde dos trabalhadores, além de gerar mais postos de trabalho e combater o desemprego. Temos que enfrentar os patrões e derrotar o banco de horas que só aumenta a exploração.

Por fim, os trabalhadores devem exigir a volta da estabilidade dos trabalhadores acidentados e o fim da alta programada, além da revogação de toda legislação editada pelo governo FHC mantida por Lula.

O SUS QUE TEMOS E O SUS QUE QUEREMOS

PARTIDO realiza seminário de saúde e debate programa

*POR ARY BLINDER, de São Paulo, e FLÁVIO BANDEIRA, de Fortaleza (CE)**

Um dos temas centrais discutidos no seminário de saúde do PSTU, realizado nos dia 10 a 12 de outubro em São Paulo, foi o balanço dos 20 anos de implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a partir desta discussão, que tipo de sistema de saúde devemos defender e lutar para que seja efetivado.

Discutir a saúde pública no Brasil requer mexer com um tema complexo que trata da vida real dos trabalhadores e das conseqüências que o capitalismo provoca na forma de viver e de adoecer da população.

O atendimento que as pessoas têm nos serviços de saúde é um tema político central em qualquer país do mundo. No Brasil, temos o SUS, fruto de um intenso processo de organização e luta dos trabalhadores na década de 80 e que foi garantido na Constituição Federal de 1988.

O SUS tem como proposta ser um sistema de saúde pública com a obrigação de atender todos os habitantes do Brasil. Isso não foi uma concessão da burguesia, mas uma conquista arrancada através da luta, encabeçada pelo movimento pela reforma sanitária.

O movimento sanitário dos anos 80 idealizou um sistema de saúde baseado em três princípios: universalidade (todos têm direito ao atendimento de saúde); equidade (tratar a cada um de acordo com suas particularidades); integralidade (objetivo de uma saúde integral, não tratar apenas sintomas).

CONQUISTAS E ATAQUES

Cada princípio foi uma grande conquista para o Brasil, basta dizer que os Estados Unidos, principal país imperialista, até hoje não garante a universalidade. Hoje há mais de 46 milhões de norte-americanos que não tem nenhuma cobertura de saúde.

Contudo, não somos míopes às conquistas democráticas e nem aos efeitos das políticas dos governos liberais. A conquista do SUS vem sendo destruída dia a dia pelos sucessivos governos. Os ataques prosseguiram no governo Lula.

Desde o seu nascimento o SUS vem sendo atacado, pois na própria Constituinte se abriram brechas para a iniciativa privada, com a criação da lei que autoriza a existência de um sistema complementar, de natureza privada. Sendo permitida a existência de outro sistema, é óbvia a conclusão de que o SUS não poderia ser tão único assim.

CORTES DE VERBAS

Outra forma de destruição progressiva tem sido o estrangulamento por deficiência de verbas. O Brasil gasta com saúde pública 3% do PIB, metade do recomendado pela Organização Mundial da Saúde, que é 6% do PIB para países com saúde universalizada. Isso foi assim em todos os vinte anos do SUS e continua assim com Lula. Há estados, como Rio Grande do Sul, que destinam apenas um quarto das verbas mínimas para saúde. Ao ter só metade das verbas que necessita, as falhas do SUS ficam gritantes.

Apesar de ter muitos erros, a conquista do SUS possibilitou a construção de verdadeiros patrimônios que provam que quando há vontade política, aquilo que é público pode ser muito melhor do que o privado. Para lembrar apenas alguns exemplos: programa da AIDS, que é uma referência mundial, com tratamento totalmente gratuito para qualquer pessoa; programa de transplantes de órgãos, um dos maiores do mundo; programa de vacinações; distribuição gratuita de várias medicações de alto custo.

Porém, no dia a dia ,as falhas do sistema crescem, aumentando a insatisfação da população. A epidemia da gripe suína foi um exemplo. Os trabalhadores doentes encontraram postos de saúde lotados, hospitais despreparados para atender uma demanda maior do que a habitual e extrema dificuldade para obter o Tamiflu, que precisa ser usado no começo da infecção, para fazer o efeito desejado. O Brasil é o recordista mundial em mortes pela gripe suína, com mais 1.360 mortos.

Diante desta realidade difícil, nós socialistas não podemos nos calar. Estamos vendo o SUS ser estrangulado financeiramente pelos governos. Encaramos também diariamente a crescente privatização do sistema público de saúde e a desresponsabilização das gestões nos níveis municipal, estadual e federal. Frente a tudo isso, propomos um programa socialista e de luta para a saúde:

✔ **Defesa dos princípios do SUS: universalidade, integralidade e equidade.**

✔ **Contra os ataques ao SUS, na forma de privatizações e estrangulamento de verbas, feitos pelos governos do Lula ou da oposição de direita (PSDB/DEM).**

✔ **Por um sistema de saúde 100% estatal. A lógica mercantilista de priorizar o lucro é incompatível com os princípios do SUS.**

✔ **6% do PIB para a saúde pública. Isso significa dobrar os gastos federais em saúde.**

✔ **Nenhuma verba pública para os hospitais privados. Que os hospitais falidos sejam estatizados como primeira medida para a estatização completa da saúde.**

✔ **Não à CSS (substituta da CPMF). Que as verbas para a saúde venham de impostos sobre a burguesia, como o imposto sobre grandes fortunas, até hoje emperrado no Congresso.**

✔ **Nada de renúncia fiscal para os hospitais filantrópicos (que em boa parte são pilantrópicos).**

✔ **Conselhos populares de saúde sob controle dos trabalhadores! Na forma atual, os conselhos são homologadores das decisões dos governos.**

✔ **Contra a privatização dos serviços de saúde, seja na forma de organizações sociais, seja como fundações estatais de direito privado.**

✔ **Contra a precarização de direitos dos servidores da saúde. Por planos de cargos e salários construídos pelas categorias. Pela estabilidade no emprego. Contra as terceirizações.**

✔ **Investimentos maciços em prevenção e educação em saúde.**

✔ **Por uma saúde laica, pois a interferência de preconceitos religiosos (como a transformação do aborto em assassinato) prejudica a forma de tratar as pessoas.**

A SAÚDE FICA ESQUECIDA

ESTADOS NÃO CUMPREM A LEI

Boa parte dos estados não cumprem a lei quando se trata de financiamento à saúde. Os próprio dados do Ministério da Saúde (sonegados pela grande imprensa) mostram essa realidada (veja tabela). A lei exige um piso de gastos na saúde equivalente a 12% do orçamento do estado.

Isto não quer dizer que os outros estados cumpram rigorosamente a lei. São Paulo, do tucano Serra, conseguiu chegou aos 12 % considerando programa de distribuição de leite para crianças como programa de saúde. Outros estados contabilizam como saúde gastos em obras de infraestrutura, alimentação de presidiários, fardas para guardas, entre outras preciosidades.

ACORDO DE GUAYMURAS: UM PACTO CONTRA O POVO HONDURENHO

DA REDAÇÃO

Em 20 de outubro, foi assinado o chamado Acordo de Guaymuras (primeiro nome que os espanhóis deram a Honduras) entre os representantes do governo golpista de Roberto Micheletti e do presidente deposto Manuel Zelaya. O acordo determina o possível retorno de Zelaya ao poder.

Este último ponto era uma das principais reivindicações da luta antigolpista e, por isso, é possível que grande parte do povo hondurenho veja o acordo como um triunfo. Mas a realidade mostra que este acordo roubou do povo hondurenho a possibilidade de derrubar através de sua luta o governo golpista.

Quem definirá se Zelaya reassume ou não a presidência será o mesmo Congresso que, junto com a Corte Suprema e as Forças Armadas, deu o golpe, destituiu Zelaya e o expulsou do país. Ou seja, o acordo legitima as instituições golpistas e assegura sua continuidade, transformando-as em supervisoras da transição e do futuro processo eleitoral. Além disso, ninguém será punido pelo golpe e nem pela repressão posterior e os numerosos assassinatos cometidos.

Zelaya volta à presidência e governará pouco mais de dois meses. Seu retorno é totalmente condicionado, já que se dá no marco da continuidade das instituições golpistas e como parte de um governo de "unidade nacional".

O acordo também sequer menciona a convocação de uma Assembleia Constituinte, uma das reivindicações mais sentidas pelo povo hondurenho, para poder discutir com ela a solução dos problemas mais graves enfrentados pelo país, como a necessidade de mudar a reacionária Constituição atual com seu autoritário regime político, de uma reforma agrária contra a oligarquia, a ruptura da dominação imperialista e a eliminação da base militar dos EUA em Soto Cano.

Por isso, o verdadeiro objetivo do acordo é por fim à heróica mobilização popular e canalizar todos os esforços das massas até a via morta do processo eleitoral. As eleições de 29 de novembro se transformam na peça chave deste objetivo, o que explica a pressa de Tomas Shannon (enviado de Obama para as negociações) na assinatura do acordo. Segundo as pesquisas, Pepe Lobo, candidato pró-golpista do conservador Partido Nacional, deve sair vencedor.

Não é por acaso que o acordo foi saudado como uma vitória pelos golpistas. Micheletti declarou: *"Honduras ganhou e este foi nosso sonho permanente para que esta crise acabasse como acabou. (...) estou contente com o resultado"* (jornal El Heraldo, 31/10/2009).

ACORDO NA MEDIDA DA POLÍTICA IMPERIALISTA

Tomas Shannon, subsecretário de Estado para o Hemisfério Ocidental e representante oficial do governo de Obama no conflito, foi um dos principais arquitetos da assinatura do acordo. Ele viajou a Honduras a fim de intervir nas negociações e garantir que ambas as partes assinassem o acordo. Depois, chegou ao ponto de qualificar euforicamente seus assinantes, incluindo os golpistas, como "heróis da democracia".

O Acordo de Guaymuras se enquadra perfeitamente na atual tática política do imperialismo. Derrotado no Iraque e com uma situação muito difícil no Afeganistão, Obama trata de evitar a ampliação dos conflitos na América Latina, buscando resolvê-los pela via da negociação e do consenso, para assim defender os interesses econômico-políticos dos EUA e derrotar a luta do movimento de massas. Para isso, conta com a colaboração de suas direções.

O acordo mostra como essa política, enganosamente "pacifista e simpática", representa um grave perigo para o desenvolvimento da luta, caso as massas acreditem que por essa via virá alguma solução. Perigo que se acentua ainda mais quando figuras populares como Lula e Chávez respaldam o acordo.

Tomas Shannon e Manuel Zelaya

QUEM ROUBOU A POSSIBILIDADE DO TRIUNFO?

O povo hondurenho levou adiante uma heróica luta de resistência contra o regime golpista, com vários mortos pela repressão. A resistência também alcançou picos de grande massividade, como na concentração no aeroporto de Tegucigalpa (primeira tentativa de retorno de Zelaya) e na greve geral de 22 de julho.

Essa resistência foi, ao lado do isolamento internacional, o fator central que impediu a consolidação do regime golpista. Ou seja, estava aberta a possibilidade de derrotá-lo através da luta e, assim, abrir melhores condições para continuar a luta pelas reivindicações mais sentidas do povo hondurenho.

Foi o próprio Zelaya quem impediu essa possibilidade. Depois do golpe, se limitou a chamar a "mobilização pacífica", ou seja, que não se chocava com os golpistas, e atuava apenas como coadjuvante da negociação, como mostra sua assinatura do Pacto de San José. Porém, neste primeiro momento, Zelaya mantinha ao menos o chamado à mobilização.

A mobilização de massas alcançou seu pico mais alto com a volta de Zelaya ao país. O povo enfrentou a repressão nas ruas e organizou a defesa dos bairros populares. No entanto, depois de uma declaração retórica falando de uma "insurreição", Zelaya abandonou qualquer chamado à mobilização e se concentrou exclusivamente nas negociações e em solicitar a "ajuda" do imperialismo e dos governos de Lula e Chávez para que elas fossem aceitas pelos golpistas. Nestas negociações, Zelaya foi capitulando cada vez mais até chegar ao Acordo de Guaymuras. Essa política permitiu o fortalecimento do regime golpista e, depois, que se legitimasse e mantivesse suas figuras nas instituições.

Assim Zelaya mostrou seu caráter burguês e os limites intransponíveis que o caráter de classe lhe impõe. Preferiu salvar a atual estrutura econômico-político-social de Honduras ao invés de encabeçar uma luta de massas para modificá-la.

Neste sentido, a Frente de Resistência cometeu o grave erro de acompanhar as políticas de Zelaya. Justificou, com distintos argumentos, a desmobilização. Agora, lançou um comunicado que, de fato, apóia o Acordo Guaymuras e faz algumas exigências ao Congresso golpista, ainda que assinale que seguirá "lutando nas ruas" pela convocação de uma Constituinte. Lamentavelmente, a Frente legitima o acordo, encobre a traição de Zelaya e, ao mesmo tempo, fecha o caminho para surgir como uma alternativa de direção para a luta do conjunto do povo hondurenho. Fraternalmente, chamamos a reverter essa posição.

A LUTA DEVE CONTINUAR

Se o Acordo de Guaymuras busca manter a atual estrutura econômico-político-social de Honduras, por outro lado, nada será como antes no país. Em sua luta contra o golpismo, o povo hondurenho fez avançar a sua consciência, sua unidade e organização.

Esta é a base para continuar sua luta. Em poucos dias, haverá um novo governo de "unidade nacional" que surgirá da aplicação do Acordo de Guaymuras. Esse governo, ao contrário do que já propaga a maioria da esquerda, passará a ser o principal obstáculo para que as massas consigam suas principais reivindicações, como a Constituinte soberana.

Por tudo isso, a LIT-QI rechaça esse governo nascido da capitulação de Zelaya e chama as organizações operárias e populares a construirem organizações da classe que lutem por esse programa, totalmente independentes de qualquer figura burguesa.

Secretariado Internacional da LIT-QI
Novembro de 2009